As razões da descrença

L&PM lança o livro "Por que Não Sou Cristão", de Bertrand Russell

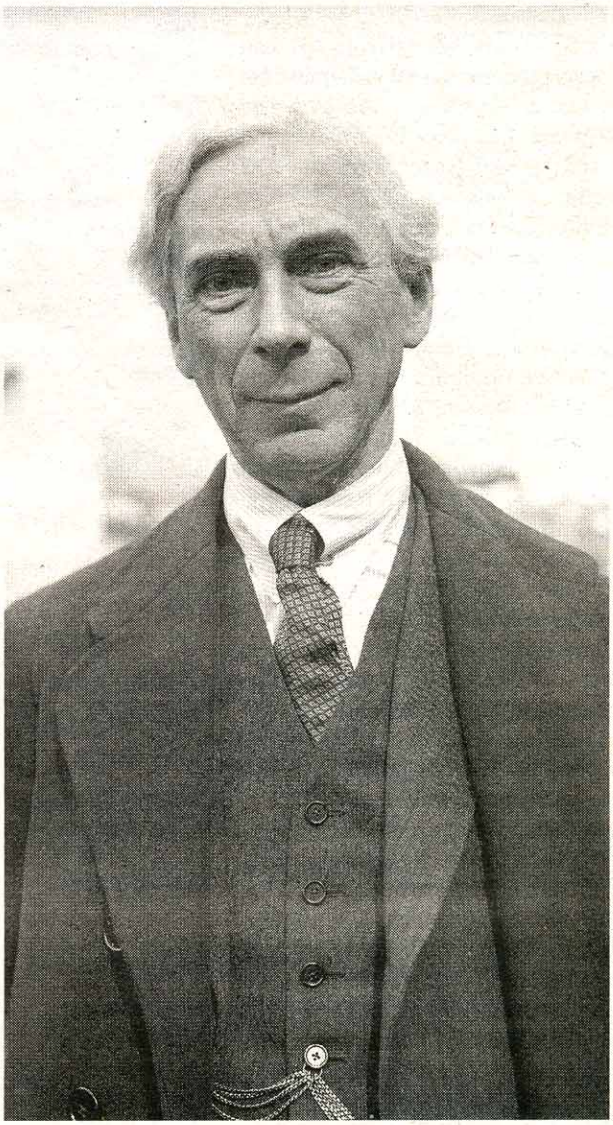
CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Ao longo da segunda metade do século 20, o debate sobre a oposição entre fé e descrença foi cooptado com fins políticos, opondo o capitalismo religioso e o comunismo ateu – embora o marxismo tenha sido ele próprio uma religião messiânica.

Nesse fogo cruzado, os autoproclamados ateus ou agnósticos, com algumas exceções, preferiram viver sua não-crença em uma postura de silêncio garantido pela lei – já que a instituição do Estado laico ainda se mantinha firme. Uma dessas exceções ruidosas foi o matemático e filósofo galês Bertrand Russell (1872 – 1970), e não deixa de ser sintomático que ele esteja de volta ao debate em uma época em que os ateus do mundo novamente assumem postura militante.

Por que não Sou Cristão (L&PM, tradução de Ana Ban, 224 páginas, R$ 37) é uma coletânea de ensaios e conferências nas quais Russell – um intelectual profícuo que escreveu sobre um amplo leque de temas – discute a religião e o fato de que ela não é inescapável para a construção de um mundo melhor.

O livro sai na esteira de outras defesas ao ateísmo ou ataques à religião – resposta ao crescimento do apelo religioso produzido pelo choque atual entre o Ocidente cristão/secular e o Oriente islâmico. No intervalo de dois anos para cá, chegaram às livrarias *Deus, um Delírio*, do biólogo Richard Dawkins, *Deus não É Grande*, do polemista inglês Christopher Hitchens, *Carta a uma Nação Cristã*, do americano Sam Harris, *O Espírito do Ateísmo*, do filósofo francês André Comte-Sponville, e *Tratado de Ateologia*, do também francês Michel Onfray – este último é um dos convidados deste ano do ciclo Fronteiras do Pensamento. Açulando o debate, o livro de Dawkins ganhou uma resposta específica, *O Delírio de Dawkins*, de Alister e Joanna McGrath.



AP

Filósofo e matemático, **Bertand Russell** defendia que a religião era dispensável



Dentro dessa profusão de obras, Russell se diferencia pelo humor com que defende que é possível acreditar em um sistema ético e moral sem a necessidade de crença religiosa associada. Onde Hitchens é ácido, quase debochado, e Dawkins e Onfray são programáticos, quase panfletários, Russell é elegante e irônico. Em um dos textos do livro, um debate radiofônico com o padre católico F.C. Coplestone transmitido via rádio em 1948, é veemente e incisivo, mas com respeito pelo debate em si. Mostrando que não é preciso ser agressivo para ser militante.